

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT06.012](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT06.012)

CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: SEMIOSE, ESTRANHAMENTO E REGENERAÇÃO

Sidney Gomes Campanhole

Doutor pelo Curso de Comunicação e Semiótica da PUC-São Paulo - SP, professor da rede pública de Ensino /SEE-SP, sidneycampanhole@gmail.com

RESUMO

O presente artigo contribui para estudos do fluxo cognitivo aplicado à resistência educacional velada na execução do currículo sobre valores da cultura afro-brasileira e africana. Tal fato é uma extensão do racismo estrutural, inserido no núcleo familiar e, muitas vezes, apoiado pela omissão dos profissionais da educação. Tendo em vista que o princípio do ato cognitivo é propriedade do signo, que os estados de aprendizagem são tecidos pelas semioses que são suportes da cultura, o discernimento fenomênico cabe a obliquidade Semiótica. O cognoscente nasce na teia da linguagem, sofre a formatação e nesse viés sofre o contágio do racismo estrutural. Fundamentado na Teoria do Signo Triádico edificado por Charles S. Peirce, entende-se que a semiose racista é interrompível, pois as relações de degeneração e regeneração também são percursos do refazimento estético e ético capazes de potencializar a sociedade antirracista. São hábitos do signo-pensamento-linguagem replicáveis e passíveis de interferência. O cerne da questão é que categorias ou estruturas configuram as interferências para serem operadas no cotidiano escolar. A pesquisa foi realizada em quatro etapas: a edificação teórica; o levantamento quantitativo, através do questionário pesquisa, junto a um grupo de amostragem constituído de profissionais da educação; a proposição de sequências didáticas desenvolvidas no cotidiano escolar e a respectiva

análise qualitativa. A síntese do presente sugere a compreensão da semiose na construção de condutas e comportamentos sadios para a convivência social e, neste caso, rebater proposições de mudança de hábitos mentais e pensamentos no esgotamento do simbólico, a persuasão pelo signo arbitrário.

Palavras-chave: Cognição, Racismo estrutural, Semiose, Semiótica cognitiva, Signo,

INTRODUÇÃO

O preconceito racial, a discriminação racial e o respectivo extremo – o racismo, predominam intensamente no comportamento social brasileiro. Uma herança do vergonhoso regime escravocrata, fundado na transformação do homem africano em mercadoria (ALMEIDA, 2019; MBEMBE, 2018). Tal fenômeno tem como principal causa a questão econômica e o suporte nos mais diversos discursos, principalmente os de origem teológica.

No caso brasileiro, o sujeito de diversidades étnicas foi singularizado em africano, que o transformou em objeto, e marginalizado econômica e culturalmente. Esse estado de submissão opressora gerou tanto a passividade quanto a resistência. Não são exatamente dois territórios com linhas definidas. A condição passiva é a incorporação de valores da cultura do opressor e a respectiva naturalização. Podemos sentir esse aspecto principalmente na cristianização do homem preto. A resistência se caracteriza pela consciência da ação racista e as formas de repudiá-la, seja de modo separatista “o orgulho negro”, ou de modo integrativo, quando é exigida a consciência antirracista do sujeito não preto, como expõe Almeida (2018, p 162): “A superação do racismo passa pela reflexão sobre formas de sociabilidade que não se alimentem de uma lógica de conflitos”.

Em tempo, este estudo tem plena ciência que a escravização na história humana é um fato que prossegue desde a antiguidade, assim como a discriminação de sujeitos, mas, nenhum momento há o registro do tratamento repulsivo praticado pelos europeus a partir do século 15. Registros anteriores denotam a discriminação como separação de identidade e não de inferiorização de sujeitos. Após o século 15, a causa mercadológica é apoiada e veiculada por discursos teológicos, colonizadores e (pseudo) científicos.

Conforme postulou Vygotsky (1991), a linguagem é um fenômeno psíquico-social, portanto, constrói o sujeito socialmente. O nascituro é equipado com suas estruturas sensoriais, cognitivas e suporte neural para a memória que desenvolverá suas respectivas potencialidades na relação com o meio. Nascemos desprovidos de juízos racistas, pois estes são obtidos no transcorrer da vida, especificamente através da linguagem.

A intencionalidade, como meta da linguagem, neste caso, pre-conceituosa, discriminativa e racista funcionará como um vírus que infectará o modo do pensamento do sujeito. Este por sua vez reagirá coerciva ou criticamente, assim como elaborará concepções (1) naturalizada, (2) conflitiva ou (3) regenerativa. É preciso engendrar nesse modo processual da linguagem para compreender o combate a essa espécie de vírus, para tanto, é imprescindível o entendimento da Teoria do Signo, neste caso, eleita os epistemes apresentados por C. S. Peirce.

O signo, estrutura mais ínfima da linguagem, é o fenômeno de cognoscibilidade, mediação, que conecta mentes. Sua condição abstrata adquire palpabilidade na linguagem e pensamento (SANTAELLA, 2010): o signo adentra na condição de estímulo a nossa estrutura sensorial, acomoda-se às experiências memorizadas, regenera ou degenera e salta como formas expressivas, materializadas em imagens, palavras, gestos, sons, etc. – a linguagem. Esse processo é intrínseco e pode ser denominado como SEMIOSE: o signo que dispara outro signo, o signo-estímulo (internalização), signo-pensamento (processamento interno) e o signo-linguagem (externalização). O signo é incansável, se reproduz e se fixa nos mais diversos suportes, mesmo que seja o nosso sistema neural.

Ao nascer todo sujeito se insere nas malhas dos signos, dos mais diversos níveis, ou seja, nascemos num mundo cujo fenômeno de linguagem já existe e o desenvolvimento se dá sob o julgo da modelagem imersiva ou conflitiva. A linguagem como fenômeno de mediação preexiste ao humano, portanto, o desenvolvimento dessa mediação no humano é concomitante ao surgimento da própria espécie (DEACOM, 1997). A unidade mais ínfima do nosso pensamento se dá em signo.

Outro recurso epistêmico para avançar nesta análise são os conceitos de hábito e mente na edificação peirceana. O termo hábito não está restrito aos comportamentos e conduta aparentes, processos conscientes ou peculiares aos seres vivos. Hábitos existem no reino mineral, como a lei da gravidade, no mundo vegetal e animal. São ações na diversidade do caos, condutas que se repetem e estabelecem algum tipo de conexão. A repetição indica algum tipo de receptividade alheia.

ORIGEM ONTOLÓGICA DA LINGUAGEM

A mente também não é uma propriedade de qualquer vivente, mas o estado contínuo entre matéria-mente permite que esteja além do mundo animal. A mente são processos inteligíveis que fluem pelos existentes que constituem o universo. O universo é guiado do Caos (a diversidade) para a Ordem (o hábito). Por ora, vamos compreender mente como algo sujeito a suportar hábitos.

O hábito e a mente são forças inteligíveis, que se estendem desde o viés ontológico ao território da cultura – o campo da linguagem, pois, são fluxos de hábitos, desde a codificação-decodificação dos signos a sua ordenação psíquica (processo cognitivos) e comportamental (valores). A linguagem não é apenas uma conexão comunicacional, mas funda uma relação dinâmica ao ser modelada e modeladora de condutas mentais e sociais.

É preciso compreender nas estruturas mais ínfimas da linguagem a formação de hábitos, pois o signo tem propriedade inteligíveis, capaz de afetar mentes e estabelecer condutas mentais.

Pela porta da percepção, o signo-estímulo age na singularidade do signo-pensamento que constitui o sujeito e daí seguirá como signo-linguagem, pelas janelas das nossas capacidades expressivas (fonético, motora, etc.), como modelado ou degenerado. Deste modo, o espaço sociocultural e psíquico são fluxos de uma mente continua.

Antes de estabelecer a conexão entre a Linguagem e Hábito, é preciso ter ciência que a linguagem no humano decorreu da condição meditativa pré-existente e as especializações sensoriais que sofreram na interação entre a singularidade biológica e a ambientação natural. Pensamentos *verbocentristas*, muitas vezes, designam a linguagem sob um viés potencialmente verbal e posicionam as outras formas de linguagem na classificação não verbal. Entretanto, a linguagem se desenvolveu na relação triádica entre: (1) a sonoridade como forma de sinalização da existência do sujeito, (2) a visualidade como forma de orientação para a sobrevivência e, na junção som e imagem, (3) a palavra inicialmente aparece para demonstrar coisas e fatos concretos, para depois, atingir o nível mais arbitrário, que dependerá de leis interpretativas para funcionar como caráter simbólico da linguagem.

A estrutura do signo triádico está definida em: **representamen** gerado pelo objeto, o **objeto** fundante da representação e o **interpretante** que são os modos que afeta a mente. O mesmo objeto pode apresentar-se (*representamen*) na miríade de interpretantes possíveis de conectar um intérprete. Para um sujeito que domina certo idioma entenderá uma frase diferente daquele que não domina, mas haverá níveis de interpretação gerada pelo aspecto interpretante do signo como elementos da sonoridade .

O *representamen*, como signo se apresenta, pode ser uma qualidade ou propriedade do objeto – qualissigno, as condições que o tornam um existente no aqui e agora e – sinssigno e legissigno – evoca uma lei, uma convenção.

O objeto do signo é a natureza existencial do signo e pode fluir para si mesmo – objeto imediato e para estabelecer associações diversas – objeto dinâmico. A condição dinâmica do objeto do signo assume a condição de ícone ao representar por semelhança, de índice quando estabelece conexões referenciais e símbolo quando depende de algum tipo de lei interpretativa.

O interpretante, se divide em mais nove níveis, porém para efetivação desta reflexão, os níveis do interpretante final atenderem ao nosso do estudo. São eles: remático – afetam a mente por semelhanças, dicente – afetam por relações com outras representações e argumental – afetam por convenções, leis mentais. Os aspectos do signo formam classes taxonômicas que vão de dez a sessenta e seis classes, enunciando um olhar ínfimo na fruição do pensamento-linguagem.

Não dá para esgotar a complexidade genial do pensamento de Peirce em pequenos parágrafos, mas servem para inferir os aspectos do signo. Não se trata de simples taxonomia das representações, pois demonstram fluxos do signo: a semiose. Esses aspectos do signo (*representamen*, objeto, interpretante) são intrínsecos e onipresentes, e conseqüentemente mapeiam complexas fluídos da semiose.

As semioses são caracterizadas pela predominância de certos aspectos, assim, para atender este estudo, usaremos os termos semiose icônica, indicial e simbólica para compreender possíveis malhas do vagueio do vírus racista.

Uma semiose icônica estaria nas relações mais direta com o objeto, com o fenômeno em si. Semioses indiciais poderiam estabelecer diversas conexões e fomentar a questão dubitável. A semiose simbólica, na condição de lei e estado coercitivo dos fatos, tende a replicação.

Por exemplo, as representações do primeiro homem criado por Deus é branco (Abrahamismo), o Cristo ariano é o filho de Deus, os arsenais de bonecas loiras de olhos azuis para atividades lúdicas afetivas, o gato preto dá azar, bruxas vestem preto, branco é a cor da paz, e outros infinitos exemplos, constroem semioses simbólicas, replicadas deliberadamente pela linguagem que atestam indiretamente relações indiciais sobre o ideal de ser branco e o ideal de ser preto, mesmo que sejam crenças falaciosas. Coadunam com correção social e constituem o racismo velado e estrutural. Apesar das referências icônicas, o que predomina são interpretantes argumentais arbitrários. No caso da afirmação que as bruxas usam preto, tem suporte em que experiência icônica? Imagens de bruxas de preto é um tratamento convencional.

No quadro abaixo, são apresentadas as dez classes de signo. Apesar da simultaneidade dos aspectos do signo, há uma ordem: a representação é quem chega primeiro a mente, o objeto funda a representação e o terceiro se estabelece entre os anteriores, os modos que afetam a mente.

Quadro 1- Diagrama das dez classes de signos

		REPRESENTAMEN	OBJETO	INTERPRETANTE	
1.	Semiose icônica	qualissigno	icônico	remático	Signos degenerados  Signo genuíno
2.	Semiose indicial	Sinssigno	icônico	remático	
3.		Sinssigno	indicial	remático	
4.		Sinssigno	indicial	dicente	
5.	Semiose simbólica	legissigno	icônico	remático	
6.		legissigno	indicial	remático	
7.		legissigno	indicial	dicente	
8.		legissigno	simbólico	remático	
9.		legissigno	simbólico	dicente	
10.		legissigno	simbólico	argumental	

Fonte: elaboração do autor baseado no modelo de C. S. Peirce

As semioses vagam por essas teias, deste modo, não é de estranhar que a imagem da bruxa de preto, que é um objeto icônico, não deixa de estar sob o efeito de lei – o legissigno. A extensão da semiose simbólica, no que se refere às classes de signo que comporta, é mais ampla que as demais.

A semiose icônica nos aproxima mais dos fatos e está sujeita a apresentar fenômenos menos falaciosos. Ele represente objetos do signo mais próximos de semelhança dos eventos. A semiose icônica permeia a sensibilidade do artista, pois evoca o potencial estético do signo. São territórios de possibilidade, por exemplo: Pablo Picasso ficou seduzido pela construção pictórica das máscaras e esculturas africanas levadas a exposição no Museu do Homem em Paris, em 1900. Tal conexão imagética influenciou o modo de desenho do pintor, entretanto, manteve seu discurso atestando que a arte do homem africano era semelhante a produção infantil na ingenuidade da criação. A semiose icônica interfere na plasticidade elaborada pelo pintor, porém suas concepções verbais, uma semiose simbólica, mantiveram-se presa a mentalidade de superioridade intelectual colonizadora da Europa.

Figura 1- O primeiro beijo interracial na novela da Rede Globo



Fonte: <https://www.ofuxico.com.br/noticias/zeze-motta-sofreu-bullying-por-beijar-marcos-paulo-na-tv/>

A atriz e cantora Zezé Mota, em diversas entrevistas, comentou os ataques que sofreu ao interpretar o personagem que fazia par romântico com ator branco, na telenovela *Corpo a Corpo*, exibida em 1984. Foi considerado o primeiro beijo interracial (fig.1) exibido em novelas. A sociedade racista repudiou, ofendeu a atriz. Décadas depois é comum vermos com naturalidade os fatos em outros folhetins. Como se explica? Naquela momento a representação do beijo provocou a reação racista orientada pela condição simbólica existente, por outro lado, iniciou pela condição icônica o percurso degenerativo para naturalização do beijo interracial.

A cena do policial norte americano matando George Floyd (fig.2), no ano de 2020, nos EUA, foi um ícone que provocou uma convulsão social em prol da vida. É interessante que temos a ciência de muitos casos de pessoas pretas assassinadas em situações semelhante no Brasil, mas sem atingir qualquer envergadura expressiva como o caso estadunidense. Talvez por serem veiculadas por semioses simbólicas, como o caso da palavra ou dos dados estatísticos que deixam o intérprete distante da relação icônica com os eventos. As semioses icônicas revelam realidades dos existentes que a semiose simbólica pode estar ignorando.

Figura 2- Policial sufocando George Floyd



Fonte: <https://www.dw.com/pt-002/protestos-multiplicam-se-nos-eua-ap%C3%B3s-morte-de-george-floyd/a-53631233>

As semioses simbólicas (semiose simbólicas) em estado de confronto, a conduta racista e a conduta antirracista terão efeito mínimo ou nulo na desestruturação desse pensamento. A ambientação replicativa do primeiro o torna surdo e cego, submisso às crenças que possui. A semiose de intenção racista se baseia na replicação simbólica, portanto, precisa de degeneração do signo para nova regeneração simbólica.

Todo signo tem como meta a representação simbólica, ou seja, evolui do ícone (nível *presentativo*) para a lei (simbólico). O signo genuíno se define neste último nível, porém essa evolução implica na contiguidade dos níveis anteriores (ícone e índice). Quando um signo regride ao nível icônico ou indicial é um processo degenerativo do simbólico. Entretanto, está sujeito a constituir nova lei – a regeneração. A regressão é a recuperação da elementos de semelhanças e múltiplas conexões. Deste modo, todo conhecimento que são produtos da semiose são dubitáveis. A semiose racista, que é simbólica, precisa regredir aos níveis anteriores para ser diluída.

LINGUAGEM E CULTURA

O espaço da cultura a priori é um espaço simbólico, estabelece leis mentais e sociais, mas a multiplicidade de eventos variáveis que o universo, os grupos sociais e as psiques derrubam a dinâmica circular: uma coisa que sai de um ponto e retorna a ele de novo, mesmo que se desconfigure na forma, mantém sua estrutura linear. Os nichos culturais são exemplos desta questão. As intempéries naturais e sociais tendem a corromper o fluxo circular em prol do fluxo do ciclo espiral: uma coisa ou fato que sai de um ponto e não retornará ao mesmo ponto. Os nichos culturais distintos que, por alguma condição, estabelecem contato e alteram aspectos estruturais. A dinâmica da cultura está sujeita a dinâmica dos níveis da linguagem. Não somos autores da cultura ou da linguagem, nós nascemos nos enredos da linguagem.

Enfim, a linguagem é, ao mesmo tempo, o a base do produto da cultura, e é o principal veículo para sua transmissão, gerando estado coercitivos (hábitos mentais) passíveis de ruptura ou não. Tudo dependerá do modo que os níveis da linguagem são deliberados.

A semiose que sincretizou o Orixá Exú com o Diabo iniciou em experiências icônicas-simbólicas. Elementos pictóricos como pênis, a cabeça arredondada ou com faca pontiaguda esculpida no alto da cabeça, evocou níveis interpretantes no colonizador baseado nas crenças que vivia em função do valor cristão. O colonizador leu o mundo do outro com seu próprio repertório. Mesmo com experiência imagética, a experiência simbólica se interpõe.

ESTRATÉGIAS PARA DEGENERAÇÃO

Pensar em combater a semiose racista é pensar em educar para formar cidadão antirracista, pois a neutralidade cambiante entre pontos de vistas pode favorecer a convenção do hábito racista. Ele já está instituído.

A estratégias não devem negligenciar nenhuma possibilidade de caminho, sejam elas as vigílias da comunicação, os programas sociais, porém, mais eficiente, sob a tutela de estratégias, deveriam se dar no âmbito instituição escola.

A fruição estética pode ser um dos percursos de degeneração do signo. Chklovski (1999, p 75), nas proposições da Teoria Literária argumenta:

A finalidade da arte é dar uma sensação do objecto como visão e não como reconhecimento; o processo da arte é o processo de singularização [ostraniene] dos objectos e o processo que consiste em obscurecer a forma, em aumentar a dificuldade e a duração da percepção. O acto de percepção em arte é um fim em si e deve ser prolongado; a arte é um meio de sentir o devir do objecto, aquilo que já se 'tornou' não interessa à arte."

A duração perceptiva é o jogo de maior contato icônico, permitindo, deste modo maior reconhecimento do objeto em detrimento das redes simbólicas que atuam no ato perceptivo. As experiências estéticas não são meros frutos de objetos de arte, como insinua visões da estética objetivista, mas de uma interação desta com o subjetivismo estético – a potencialidade estética em que o signo afeta a mente.

O estético aqui proposto é um estado de admiração de algo que se apresenta à mente. Capaz de suspender os sentidos, um estado gerúndio do sentir. Uma condição que, ao estabelecer juízo, enuncia um campo ético. Não atende perspectivas de mão única, parciais ou moralismos, mas é um ramo de investigação da racionalidade que questiona o quão autocontrolada é a conduta frente ao ideal estético. A regeneração dos valores éticos é feito sob a égide da experiência estética: o admirável, o original, o desprovido de normas anteriores.

Outra imersão perceptiva são aquelas disparadas pelas malhas da ludicidade. O objetivo, o obstáculo e o conflito que são estruturas do jogo, exigem maior estado de atenção mental dos jogadores, capaz de articular novas referências.

Aprender na zona replicativa do signo (NÖTH, 2013) é uma construção do ideal em demérito do real e, provavelmente, dependerá da memorização e não da readequação de conceitos. Consequentemente falível ou destrutível no decorrer da vida do sujeito.

A EXPERIÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR

Nos últimos anos, as atitudes de refutação dos valores da cultura afro-brasileira na prática das escolas públicas (estadual e municipal) na cidade de São Paulo. Nem mesmo a existência de legislação que torna o conteúdo legítimo, não funciona como justificativa das práxis. Em diálogos mantidos em reuniões pedagógicas executadas em órgãos orientadores, foi notório que os obstáculos assumem três focos: os pais, os familiares e os responsáveis em geral pelos estudantes; parcialidade dos educadores e parte do próprio grupo discente em decorrência de valores construídos na singularidade de suas famílias e, mediante a condição coercitiva, o contexto sociocultural.

O primeiro grupo, ainda notado de modo qualitativo, definido como orientação familiar, foram os primeiros a contestar conteúdos curriculares sob a justificativa que as crianças e adolescentes, ao estudarem tais conteúdos, estavam sendo submetidos a credos religiosos distintos e estariam desse modo se aproximando daquilo que o grupo identifica como representação do mal em suas

respectivas crenças. São indivíduos pertencentes a segmentos religiosos de origem protestante e, em menor escala, católicos.

O segundo grupo, compreendido ainda de modo qualitativo, apresentou como fator de inoperância frente ao currículo duas situações, ora por concepções semelhantes ao grupo família, ora pelo grau de qualificação formativa sobre a Cultura Africana e Afro-brasileira. Em alguns casos, até para evitarem conflitos com sequelas penosas para os próprios educadores.

Esses dois grupos vão contribuir para que os estudantes não tenham acesso a essa formação curricular ou se desinteressarem pela questão. Tais situações refletem a desvalorização dessas culturas e dos sujeitos que a representam, oblitera para a "des memorização étnica", e mantém o cidadão preconceituoso (ou racista) de amanhã. Caberá ao terceiro grupo manter a linha contínua deste hábito.

O grupo familiar se apresenta como fato posto, menos acessível a quebra desse hábito, porém o grupo de educadores apresenta maior possibilidade de gerar a descontinuidade no hábito. A própria condição de agente da transformação social exige dos profissionais da educação uma visão pluricultural, libertária e antidogmática. São sujeitos que precisam rever seus atos singulares para assumir tal proposta. Assim, a fórmula que se propõe é a quebra do hábito, a começar pelos próprios docentes, depois os discentes e, quiçá as famílias de agora ou do futuro.

ESCOLA E O CENÁRIO TEOLÓGICO

As práticas escolares, assim como boa parte do pensamento político educacional, têm compulsão pela forma verbal, basta vermos o arsenal de recursos bibliográficos, a valorização das análises avaliativas através da escrita em detrimento da oralidade, a desvalorização das demais formas de linguagem locadas em não verbais, a educação estética direcionada para a formação de consumidores da arte e do entretenimento, entre outras. Enfim, semioses simbólicas são extremamente beneficiadas.

Nesse cenário, se integram o obstáculo familiar e, de certo modo, a escola omissa, em repudiar o currículo que trata da cultura afro brasileira e africana. A base da repulsa está no hábito mental

estabelecido pelas teologias de origem abraâmicas. Que traduzem a visão discriminatória com juízo, o preconceito e o racismo que permeia a sociedade brasileira.

Outrora, as perseguições políticas e ideológicas às religiões de matrizes africana se estenderam do período escravocrata e, devido à forte resistência, foi amenizada na primeira metade do século 20. Após esse período ocorreu certa valorização, que contribuiu para a midiática positiva até o início dos anos 90. O país acumulou um histórico de presidentes sensíveis a sacerdotisas ilustres, da singularidade promocional das músicas de terreiro para fora do Brasil por Joãozinho da Gomeia, pelo aumento dos cultos Umbandistas e os modelos baianos de liturgia candomblecista, pelo interesse das classes artísticas.

As migrações de fiéis no cenário religioso brasileiro acentuaram volumosamente para os segmentos evangélicos nas últimas décadas e, obviamente, cresceu o empoderamento nas esferas políticas. Provavelmente, leis como a 10.639/03, não seriam estabelecidas, assim como na prática é parcialmente negligenciada. Massificada a partir das fragilidades da organização católica (inflexibilidade, hierarquização, etc.), o segmento evangélico traz no bojo teológico a condição exclusiva e assertivo de seguidores de Deus.

A intolerância religiosa não se dá apenas em conflitos de fiéis, mas, de forma velada, na decoração anti laica de algumas unidades escolares públicas, em missas de formaturas, na recusa de abordagem curricular, na exploração sonora de instrumentos de percussão, entre outros. A intolerância existe sempre que um credo sobrepõe ou inibe o outro baseado em algum argumento de modelo assertivo.

O clima político, estabelecido na atual regência, ampliou a alienação curricular a favor de uma escola cientificamente questionável, sujeita a concepções que favorecem a disseminação da ideologia evangélica. Quem está no cerne desse fato são as pessoas das mais diversas classes sociais, mas com predominância das menos privilegiadas. Indiferente aos conflitos do discurso teológicos para explicar a natureza da diversidade racial e étnica, a população descendente de afro brasileiros ou, até mesmo não afro-brasileiros, estão inseridos na dinâmica da coerção social e não demonstram sinais para elaborar outras consciências.

Portanto, o grupo família, citado no início é resíduo dessa realidade, assim como o segundo grupo, passível de estabelecer o redirecionamento do fluxo. A intolerância religiosa, que contribui para demonização da Cultura africana e afro-brasileira, constitui potencialmente para o preconceito e o racismo:

O espaço educacional, como espaço formador, integrador, em direção a condição da sociedade cada vez mais sadia, muitas vezes, representa a manutenção de valores éticos. Neste caso, daqueles que hábitos circunscritos a convivência além da escola: família, exposição midiática, etc., são nocivos.

ATIVIDADES PENSADAS A PARTIR DAS SEMIOSES

Durante o evento sobre a Consciência Negra, numa escola regular de ensino público em São Paulo, os pressupostos citados foram utilizados na organização de sequências didáticas para dois grupos de estudantes correspondentes aos terceiros e quarto ano do Ensino Fundamental. No cotidiano escolar, aproximadamente 30 % da soma dos grupos hostilizava práticas para fazer bonecas Abayomi, associavam qualquer percussão a “macumba” e demonstravam medo, além de queixas de alguns pais contra professoras, pelo fato delas solicitarem pesquisas de conteúdo afro-brasileiro. Também houve registro de crianças que não participam de eventos juninos justificado por causa religiosa.

Para o grupo do terceiro ano, os professores executaram seguintes ações: (1) apresentaram e contextualizaram o vídeo do grupo Masaka Kids¹; (2) utilizaram práticas de reconhecimento das articulações requisitadas nos movimentos corporais; (3) executaram a atividade de copiar movimentos do grupo Masaka Kids congelado jogo no vídeo; (4) dividiram-se em grupos e contornaram o corpo de um colega em papel Kraft, (5) viram roupas africanas coloridas expostas em slides preparados pelas professoras e (6) revestiram os corpos desenhados usando giz de cera, cola e tecidos. O tempo inteiro havia música ambiente de cantigas infantis africanas. Não

1 O Masaka Kids Africana atua em Uganda e produz vídeos incríveis de crianças dançando, cantando, brincando livremente e representando a alegria, as cores, a cultura e a beleza não só da Uganda como de todo continente africano.

houve preocupação de explanações orais sobre a cultura africana. O único sistema avaliativo consciente foi a manifestação de agrado através de palmas.

Quadro 2 – Predominância das semioses nas atividades dos terceiros anos

	Predomínio da semiose icônica	Predomínio da semiose indicial	Predomínio de semiose simbólica
Etapa 1: Apreciação do grupo Masaka Kids	x	x	
Etapa 2: Consciência das articulações motoras	x		
Etapa 3: Jogo da reprodução de movimentos	x	x	
Etapa 4: Registro do corpo no papel		x	
Etapa 5: Ambiente sonoro tema percussão	x		

Para o grupo do quarto ano os professores executaram seguintes ações: (1) explanação sobre a fecundação da terra para plantar usando slides com ilustrações, inclusive com ênfase intencional no boi que usava o chifre para arar a terra; (2) mostraram a imagem de alguns animais africanos: o antilope, o leão, o guepardo e o elefante e refletiram sobre o que as qualidades desses animais poderiam simbolizar para o humano – jogo do totem; (3) apresentadas uma sequência de máscaras do povo: Yorubá, Senufo, Baule, Dogon, Bambara, inclusive a presença de chifres (4) os estudantes receberam materiais básicos para construir em grupo máscaras temáticas; (5) plenária dos produtos com justificativas das intenções de criação e (6) exposição do vídeo.

Quadro 3 – Predominância das semioses nas atividades dos quartos anos

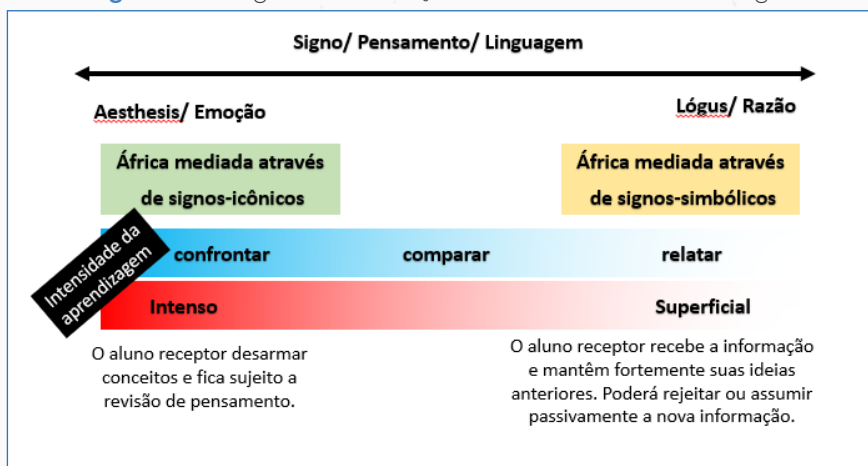
	Predomínio da semiose icônica	Predomínio da semiose indicial	Predomínio de semiose simbólica
Etapa 1: Fecundação da terra	x	x	

	Predomínio da semiose icônica	Predomínio da semiose indicial	Predomínio de semiose simbólica
Etapa 2: animais africanos	x		
Etapa 3: máscaras étnicas	x	x	
Etapa 4: Elaboração plástica		x	
Etapa 5: justificativas			x

Não houve resistência ou algum tipo de conflito, muito pelo contrário apresentaram interesses. Obviamente que esses dados não são quantificáveis, nem descartáveis, mas o objetivo maior foi a verificação das semioses. O envolvimento em tramas de linguagem com maior potencialidade icônica contribuiu para o esvaziamento das interpolações simbólicas.

Os processos de ensino aprendizagem caminham numa reta única. De um lado o potencial de AESTHESIS (signos estéticos), que predominam nas semioses icônicas, e do outro, o potencial de LOGUS (signos lógicos), que predominam nas semioses simbólicas. O próprio ato de ensinar, na sua trajetória algumas vezes inócua, tenta transformar ideias mostrando no nível do LOGUS. Mas, a natureza do AESTHESIS é quem revigora a força de degenerar e, depois, regenerar, o signo em direção ao novo LOGUS. Uma aprendizagem apoiada neste tipo seria considerada construtiva pelo sujeito.

Figura 3 – Diagrama da relação diametral Aesthesis e Logus



O potencial de **aesthesis** não é no sentido do “belo”, mas o admirável, aquilo que choca o pensamento e nos faz parar diante de uma realidade distinta. Os juízos entram em processo de revigoração. O potencial de **logus**, projetivos e operacionais, pode conter equívocos ou construir pensamentos que são falíveis e proliferam (replicação). O vírus do racismo infectou o “HD humano” e para deletar é preciso degenerá-lo para ocorrer a regeneração normativa mais ética.

Trocando em miúdos, práticas educacionais contra o racismo precisam evidenciar o tratamento de degeneração e regeneração de sentidos. Não basta alimentar apenas com informações, mas tratá-las sob fundamentações semióticas.

Mapear um quadro de ação antirracismo na escola a partir de cada disciplina é ignorar que o racismo opera de modo multidisciplinar e dar a informação a potência resoluta do problema, ou seja, a forma do tratamento signico é ignorada. A integração multidisciplinar não são apenas aspectos simbólicos de conteúdos distintos que podem dialogar entre si. Torna-se mais potente quando se pensa nas teias de semiose que podem ser planejadas para tal fim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O racismo estrutural parece forte, insistente, porque é tratado apenas na dimensão simbólica. Não se elimina através de uma simples consciência dialogando entre partes. Precisa de estratégias pensadas a partir das tramas da linguagem para naturalizar uma consciência antirracista. O retorno da experiência estética e as estratégias de lúdicas favorecem tal fato. Este ensaio aponta para um caminho maior, exigindo maior verticalidade nos níveis de semiose para compreender a produção de sentidos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. . **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019

DEACON, T. W. (1997). *The symbolic species: The co-evolution of language and the brain*. New York: Norton.

CHKLOVSKI, Viktor. **Arte como processo**. In: Teoria da Literatura I: Textos dos Formalistas Russos apresentados por Tzvetan Todorov, Edições 70, Lisboa, 1999, p.75 NOTH, W.

DE TIENNE, A. **Aprendizagem qua semiose**. In: QUEIROZ, A.(org). Computação, cognição e semiose. Salvador: EDUFBA, 2007

IBRI, IVO A. **Kósmos noetós**. São Paulo: Perspectiva, 1992;

JORGE, A M G. **Topologia da ação mental: introdução à teoria da mente**. São Paulo: Annablume, 2006

PEIRCE, C S. **A fixação da crença**. Trd. Anabela G. Alves Washington Popular Science, v.1, n 12, 1877. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/peirce_a_fixacao_da_crenca.pdf. Acesso em: 12, mai, 2013.

_____. **Collected papers of Charles Sanders Peirce**. Vols. 1 e 2. Cambridge: Harvard University, 1974.

_____. **Collected papers of Charles Sanders Peirce**. Vols. 5 e 6. Cambridge: Harvard University, 1978.

_____. **Semiótica e Filosofia**, trad. de Octanny S. da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1972.

QUEIROZ, João. **Classificações de signos de C. S. Peirce** – de ‘*On the logic of science*’ ao ‘*Syllabus of certain to picsoflogic*’. TransFormAção: São Paulo, 30(2): 179-195, 2007

_____. **Tipologia da consciência: Um estudo comparativo baseado na filosofia de C. S. Peirce**. Galáxia, n 1, 207-220, PUC-SP, 2001. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/1087/712>>. Acesso em: 09 set. 2013

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NOTH, Winfried. **Os signos como educadores: Insights peircianos**. In: Aprendizagem no contexto comunicativo das redes. Revista TECCOGS,

São Paulo, n. 7, 156 p, jan.-jun, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/issue/view/n7/291>. Acesso em: 15.08.2022.

SANTAELLA, L. **Estética de Platão a Peirce**. Experimento, São Paulo, 1994.

_____ **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual e verbal. São Paulo: Iluminuras, 2001.

_____ **Os Significados Pragmáticos da Mente e o Sinequismo em Peirce**. *Cognitio*, PUC: São Paulo, nº 3, nov. 2002, p. 97-106.

_____ **Sinequismo e Onipresença da Semiose**. *Cognitio*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 141-149, jan./jun. 2007.

_____ **Percepção: fenomenologia, ecologia e semiótica**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998